

An aerial photograph of a city, likely Rio Grande do Sul, with a large university campus in the foreground. The buildings are densely packed, and the overall tone is a faded, light greenish-blue. The text is overlaid on the image.

**UNIVERSIDADE
DO RIO GRANDE DO SUL**

**UMA FASE EM
SUA HISTORIA**

União Geral de Desenvolvimento de Administração Central

1952-1964

ESCOLA DE ENGENHARIA

Instalada em 10 de agosto de 1896, sendo, portanto, cronologicamente, a segunda escola da Universidade, iniciou seus cursos em 1º de janeiro de 1897, em salas do Ateneu Rio-grandense.

Foram seus fundadores os insígnies engenheiros civis e militares João Simplicio Alves de Carvalho, João Vespucio de Abreu e Silva, Juvenal Octaviano Müller, Lino Carneiro da Fontoura e Gregório de Paiva Meira.

A evolução da Escola de Engenharia, desde os dias de sua fundação, pode ser acompanhada sucintamente pelo desenvolvimento de seus cursos nas diversas modalidades profissionais. A Escola diplomou engenheiros de estradas de 1899 a 1909; agrimensores de 1899 a 1915; engenheiros civis a partir de 1900; engenheiros mecânicos-eletricistas a partir de 1911; engenheiros geógrafos de 1917 a 1929; químicos industriais de 1923 a 1958; engenheiros de minas a partir de 1949, e, a partir de 1958, passou a formar suas primeiras turmas de engenheiros mecânicos, engenheiros eletricitas, engenheiros químicos e engenheiros metalurgistas. Não estão aqui enumerados os cursos mantidos pela Escola e posteriormente desmembrados para a constituição de unidades separadas, de grau superior ou médio, como o curso de engenheiros agrônomos, o curso de médicos veterinários, o curso de engenheiros arquitetos, o Instituto Técnico Profissional e o Colégio Júlio de Castilhos.

O modesto instituto criado em 1896 trazia em si o germe de uma grande organização, uma verdadeira Universidade Técnica, como chegou a chamar-se pelo Decreto Federal nº 20.272, de 3 de agosto de 1931, com amplos efeitos na vida econômica e no ambiente cultural de nosso Estado.

O exame de alguns documentos relativos à fundação da Escola de Engenharia revela que seus autores não se contentavam em realizar, pela iniciativa privada, a criação de mais uma Escola de Engenharia no País, tarefa por si só gigantesca. Mais do que isto, porém, possuíam já idéias próprias e definidas sobre o que devesse ser a formação de engenheiros e pretendiam realizar uma experiência pioneira e inédita ainda no Brasil, criando uma escola segundo uma concepção totalmente diversa da que inspirava o ensino oficial.

Efetivamente, transparece desde o início nas palavras dos fundadores a nítida intenção de criar uma escola nova, não apenas uma cópia servil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Ser-lhes-ia indubitavelmente mais fácil criar

Antigo prédio da Escola de Engenharia construído no ano 1900



uma escola nos moldes oficiais. O Decreto nº 1232, de 2 de janeiro de 1891 facultava a criação das chamadas «Escolas Livres», dando-lhes a possibilidade de plena equiparação aos institutos oficiais, contanto que se mantivessem fiéis aos programas dêsses. A esta solução fácil preferiram os fundadores o risco de lançar-se a uma iniciativa totalmente nova no Brasil, para mais tarde pugnar, não pela equiparação, que não desejavam, mas pelo reconhecimento oficial e pela validação dos diplomas expedidos pela Escola.

Alvaro Nunes Pereira, o primeiro Diretor da Escola de Engenharia, ao solicitar ao Congresso Nacional o reconhecimento dos diplomas conferidos pela Escola, usa das seguintes palavras que equivalem a uma verdadeira definição de princípios:

«Afastando-se dos programas oficiais, esta Escola teve em vista, modestamente, criar apenas engenheiros, verdadeiros profissionais, aos quais se fornecerá o cabedal teórico tão sòmente indispensável à boa compreensão do estudo prático correspondente que será, aliás, amplamente desenvolvido. Ainda mais, se por um lado ela procura formar verdadeiros profissionais, pelo grande desenvolvimento do estudo prático, constante de seus programas, por outro aumenta ainda a possibilidade de conseguir-se êste desideratum, dividindo a vasta ciência do engenheiro em cursos especiais».

A audaz iniciativa dos fundadores frutificou numa instituição pujante que hoje é um dos grandes orgulhos da Universidade do Rio Grande do Sul.



Desde os tempos de nossa infância, sempre acalentamos a grande esperança de, um dia, virmos a freqüentar os bancos escolares da Escola de Engenharia. Lembramo-nos de que, na vida humilde de nossos anos de preparatoriano e, mesmo antes disso, nosso ideal sempre fôra o de nos tornarmos engenheiro. O destino, porém, caprichoso e por vêzes imprevisível, conduziu-nos à Faculdade de Medicina, integrando-nos no ensino médico. Quando, mais tarde, já freqüentávamos o Instituto Anatômico Sarmiento Leite e passávamos ne-

cessariamente pelo Bom Fim, entre os Institutos Eletrotécnico e Astronômico, deparávamos em suas proximidades com um velho muro e, em prolongamento, um puxado de folhas de zinco, velhas e enferrujadas; alí ficávamos a comentar com nossos colegas: — «Vejam. Um lugar tão próprio para se construir uma Faculdade, abandonado com essas malocas».

A reflexão daqueles tempos jamais se apagou de nosso espírito e um dia haveríamos de construir uma Escola, a mesma que delinearíamos tantas vezes em nossos sonhos de moço idealista. Se de um lado não quiseram os fados que nos graduássemos em engenharia, de outra parte conseguimos compensar aquêlo objetivo não atingido, através de nossa posterior ação como Reitor, quando tivemos a felicidade de propiciar à Escola de Engenharia um nôvo e magnífico edifício, erigido no mesmo local em que o tínhamos visionado, edifício êsse dotado das mais modernas instalações para o ensino em seus diversos cursos. Essa oportunidade chegou, quando o Diretor e a Egrégia Congregação da Escola de Engenharia, considerando a impossibilidade de continuar esta a realizar suas nobres e importantes finalidades no velho e acanhado casarão construído em 1900, concordaram no planejamento de um nôvo prédio no local reservado anteriormente à Faculdade de Arquitetura, de vez que esta já se achava em adiantado período de construção no local onde se encontra atualmente.

Entre os anos de 1955 e 1960 se fez o nôvo prédio, com 50 salas de aula, 10 laboratórios, uma grande biblioteca e seis anfiteatros, com capacidade para, aproximadamente, 200 alunos cada um. O total da área construída é de 11.115 m². Essa melhoria material e mais o equipamento dos laboratórios de mecânica, de eletrônica, de saneamento, etc., permitiu à tradicional Escola de Engenharia instituir mais um curso, aumentando o número de novas matrículas, de 220 para 320 alunos. Resultou daí um enorme rendimento para o ensino de engenharia em suas diferentes modalidades, mantendo agora a Escola, somente no primeiro ano, cêrca de 400 estudantes, inclusive dependentes. O custo da obra atingiu à soma de 102 milhões de cruzeiros.



O novo prédio da Escola de Engenharia (dois blocos) -- Construído entre 1955-1960.

De 1953 a 1963 foram aprovados nos exames de habilitação 1.711 alunos. Graças aos meios proporcionados pelas novas e amplas instalações, foi possível incrementar de maneira altamente expressiva o número de matrículas iniciais, o que facilmente se depreende pelo registro da existência, em -953, de 149 matrículas no primeiro ano, ao passo que em 1963 essas mesmas matrículas se elevaram a 316, o que representa um aumento percentual de 112%. Isso demonstra o sentido pioneiro da Escola de Engenharia na objetivação do constante aumento do número de matrículas iniciais em seus diversos cursos, o que respondeu por antecipação aos anseios consubstanciados nas campanhas de âmbito nacional que ora se faz pelo incremento das vagas nos cursos superiores.

Como decorrência desta progressiva elevação das matrículas nas séries iniciais, registrou-se, por igual, um assinalado aumento das matrículas em tôdas as séries da Escola,

o que se comprova pelos dados a seguir: de 1953 a 1963, o total de matrículas passou de 665 para 1213. De 1952 a 1963, foram diplomados cerca de 1300 engenheiros nos vários cursos mantidos pela Escola, não estando aí computados títulos e certificados expedidos àqueles que frequentaram cursos extracurriculares.

E' superior a 200 o número de professores catedráticos, auxiliares de ensino e pesquisadores de que dispõe a Escola para o ensino das diferentes cátedras e o desenvolvimento da pesquisa. Sua Biblioteca, perfeitamente atualizada, possui 14.200 volumes, em sua maioria de obras especializadas, mais de 500 periódicos, 17 enciclopédias e 80 dicionários, além de algumas obras raras, de grande valor histórico e científico.

Paralelamente aos cursos de graduação, dispensou a Instituição particular atenção ao ensino extracurricular, realizando inúmeros cursos de extensão universitária, visando ao preparo especializado de contingentes humanos que a Nação reclama em sua atual conjuntura.

No campo da pesquisa, setor de importância fundamental nas atividades universitárias, foram concluídos importantes trabalhos, tendo em mira o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de novas técnicas para associá-las ao ensino, aprimorando-o.

Para reequipamento técnico e didático de caráter permanente (mobiliário especial, mobiliário para escritório, material para o ensino, máquinas, motores e aparelhos, modelos e utensílios de laboratório, etc.) foi dispendida, no período 1953/63, a soma de Cr\$ 87.274.289,00.

Cumprindo sua nobre missão, essa Egrégia Escola tem aumentado constantemente o número de suas matrículas. Há dois anos, passou de 220 para 320 o ingresso à primeira série, e, recentemente, alcançou o apreciável número de 440, atendendo assim o insistente reclamo da Nação que necessita de mais engenheiros e técnicos. Graças à ação decidida e inteligente de seu ilustre Diretor, o Professor Luiz Leseigneur de Faria e à compreensão e patriotismo de seus ilustres professores que não fugiram ao sacrifício de mais horas de tra-

balho, a tradicional Escola de Engenharia está proporcionando um magnífico exemplo de civismo e dever universitário.



Desde a criação da Escola de Engenharia de Pôrto Alegre procuraram seus fundadores e orientadores dotá-la de gabinetes, onde fôsse possível um eficiente ensinamento prático das cadeiras do curso.

Instituição particular, lutaram seus organizadores com grandes dificuldades para a consecução do ideal que visava uma irradiação da cultura técnica mais profunda.

Foram, entretanto, estas dificuldades superadas pela dedicação e pelo altruísmo daquela pleiade de homens que contribuíram com seus parcos honorários de então, para a instalação e dotação de materiais para os gabinetes e laboratórios da Escola.

Foi assim que se iniciou o atual Instituto de Física da Escola de Engenharia, então simples gabinete, instalado posteriormente no andar térreo do Instituto de Química da mesma Escola.

Ampliando-se paulatinamente êsse gabinete e aumentando o número de alunos que o freqüentavam, foi em 1929, nomeado chefe do mesmo, o professor catedrático Dr. Alvaro Magalhães.

Por ocasião da estadualização da Universidade, em 1934, passou a constituir um Instituto da Escola de Engenharia, localizando-se no edifício, onde, durante muitos anos, funcionou a Escola Feminina de Afazeres Domésticos, mantida pela anterior Universidade Técnica do Rio Grande do Sul.

Nesse edifício os serviços do Instituto puderam ser melhor distribuídos, organizando-se salas de gabinetes, salas de aulas e salas de trabalhos práticos, embora em ambientes exíguos, pois se tratava de um prédio que servira de internato para alunos e residência do Diretor da Escola Feminina.

Com as crescentes necessidades, devido ao aumento do número de alunos que se verificava de ano para ano, foram feitas nesse prédio várias reformas e uma ampliação de um pequeno anfiteatro, que também serviu, bem como suas salas e gabinetes, à Faculdade de Filosofia então criada.

E' justo destacar-se aqui a ação persistente e eficiente do saudoso Prof. Ary Abreu Lima para que tivesse o Instituto de Física a instalação adequada às suas altas finalidades.

Além de proporcionar à Chefia do Instituto a possibilidade de aquisição de novos aparelhos de eletricidade e ótica, adquiriu com suas próprias economias, presenteando ao Instituto, várias obras para a biblioteca do mesmo.

Iniciado o novo edifício pelo Reitor, Alexandre Martins da Rosa, foi o mesmo concluído em 1953, em nossa gestão, quando o Instituto de Física passou a ocupá-lo.

Atualmente dispõe o Instituto de cinco amplos gabinetes nos quais estão distribuídas as seções de Mecânica, Ótica, Acústica, Eletricidade e Magnetismo, de dois confortáveis anfiteatros, de espaçosas salas de aulas e magnífica sala de projeções.

Neste Instituto, dotado hoje de excelentes instalações e de ótima aparelhagem, são ministradas, além das aulas teóricas e práticas de Física dos cursos da Escola de Engenharia, aulas de outras cadeiras da Escola e aulas práticas da Faculdade de Filosofia.

Após termos concluído o prédio em 1953, juntamente com o Diretor da Escola de Engenharia, compreendemos a benéfica e sadia influência na cultura da mocidade estudiosa, representada pelo estudo metódico e racional da Física, e, daí, o interesse em dotar o Instituto de Física das instalações e aparelhagens de que hoje dispõe.

As dotações orçamentárias anuais tem sido razoáveis e têm permitido uma ampliação do material de ensino, proporcionando a aquisição de aparelhos modernos e permitindo a conservação e renovação dos existentes.

É o atual Instituto, não um museu de aparelhos, mas um ambiente em que se procura, além de ministrar o ensino da Física, incutir, pelo trabalho prático, metódico e racional, no espírito da mocidade que o frequenta, o entusiasmo pela pesquisa, principalmente naqueles que adquirem o conceito claro e preciso da evolução da ciência e cultivam o desejo de descobrir novos horizontes para ela.